



DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM VERSUS QUALIDADE DO ENSINO

Cristiano Gomes da Silva¹

GT8 – Espaços Educativos, Currículo e Formação Docente (Saberes e Práticas).

RESUMO

O referido artigo traz como proposta, a reflexão sobre a prática pedagógica do docente, levando esse profissional a entender que é dele a incumbência de motivar e potencializar a capacidade cognitiva do aluno pautando-se nas relações sociais e afetivas e ainda apresentar orientações para a formação continuada como forma de auxiliar a prática pedagógica na perspectiva da inclusão. Para que tais objetivos sejam verdadeiramente legitimados, propõe-se por meio dessa pesquisa bibliográfica exploratória e qualitativa, que a formação continuada ofereça subsídios a fim de ressignificar a metodologia de ensino através de estudos e pesquisas constantes. Dessa maneira, o processo de ensino estará dialogando com a aprendizagem, pois o docente terá condições de enxergar-se como mediador do saber, valorizando o conhecimento prévio do estudante e favorecendo com isso, a construção da aprendizagem significativa e conseqüentemente o sucesso escolar.

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem. Motivação do ensino e aprendizagem. Formação continuada.

ABSTRACT

The article proposes a reflection on the pedagogical practice of the teacher, leading this professional to understand that it is his responsibility to motivate and enhance the student's cognitive ability based on social and affective relations and also to present guidelines for the formation as a way of assisting pedagogical practice in the perspective of inclusion. For such objectives to be truly legitimized, it is proposed by means of this exploratory bibliographic research in a qualitative approach, that the continued formation offer subsidies in order to re-signify to the teaching methodology through studies and constant researches. In this way, the teaching process will be dialoguing with the learning, because the teacher will be able to see himself as mediator of knowledge, valuing the previous knowledge of the student and favoring with this, the construction of meaningful learning and consequently the success of the school.

KEYWORDS: Learning difficulties. Motivation of teaching and learning. Continuing formation.

¹ Mestrando em Educação (Disciplina Isolada) pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Especialista em Psicopedagogia e Educação Inclusiva pela Universidade Tiradentes – UNIT. Técnico da Educação Especial na Diretoria Regional de Educação – DRE'03. E-mail: cristianogsilv@gmail.com



1 INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda as dificuldades de aprendizagem no contexto escolar ocasionadas por fatores externos ao aluno, ou seja, que não são resultantes dos aspectos biológicos e sim do ambiente no qual o sujeito está inserido.

Para que um indivíduo se aproprie do conhecimento é preciso que haja uma motivação interna, em outras palavras a disposição para aprender. Paralelamente a essa vontade de aprender faz-se necessário que exista uma metodologia de ensino inerente aos anseios do aprendiz.

Sendo assim, as dificuldades de aprendizagem no âmbito educacional podem se delinear a partir da falta de estímulo por parte do aprendiz, motivada na maioria das vezes, por aspectos sociais e afetivos e, agravada pela inadequação do ensino que não considera a realidade de vida do sujeito.

Partindo dessa premissa, como a escola pode conduzir o trabalho pedagógico a fim de motivar o aluno a aprender? E ainda, de que maneira o professor diante da heterogeneidade da turma poderá fazer com que todos os alunos desenvolvam a aprendizagem de forma eficaz e obtenham sucesso escolar?

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar através da pesquisa bibliográfica exploratória numa abordagem qualitativa, alguns motivos pelos quais o aluno não se sente instigado a desenvolver a aprendizagem; apontar pressupostos teórico-metodológicos que orientam o processo de ensino pautado nas relações sociais e afetivas dos indivíduos; apresentar, a partir da bibliografia, orientações para a formação continuada do professor da educação infantil e séries iniciais como forma de auxiliar sua prática pedagógica na perspectiva da inclusão.

Justifica-se a pesquisa pela grande quantidade de alunos das escolas públicas que não alcançam as habilidades educacionais devido à inadequação da metodologia de ensino ocasionada pela falta de uma eficiente e constante formação docente, como fundamenta Weisz com a exposição abaixo:

“Acho que o professor continua chegando hoje à escola com as mesmas insuficiências com que eu cheguei em 1962. Ele acaba ganhando experiência e também algum conhecimento de natureza intuitiva, mas, dependendo da formação que recebe, continua tão cego e perdido quanto eu estava”. (WEISZ, 2011, P. 18).



Dessa maneira, é preciso compreender que a aprendizagem depende não apenas do aluno e sim de um processo de ensino que considere a relevância do objeto de estudo dentro da realidade social que os indivíduos estejam inseridos. Se assim for, o processo de inclusão acontecerá de fato no contexto escolar, contribuindo com a cessação da defasagem do saber por meio de uma aprendizagem significativa e eficaz ofertada ao aluno.

As informações obtidas nesse trabalho são resultantes de uma pesquisa bibliográfica através da consulta de livros, artigos científicos, periódicos e fontes de dados online. O referencial teórico foi alicerçado pelos autores: Weisz (2011), Freire (1996), Vygotsky (2010), Piaget (1999), Galvão (1995), entre outros.

Por meio das ideias e conceitos apresentados pelos teóricos já mencionados, é possível analisar e apresentar algumas das razões que impossibilitam a motivação do aluno para desenvolver a aprendizagem, dentre as quais está como aponta Weisz (2011) à desconsideração do conhecimento prévio do aluno sobre um conteúdo, seguida da inadequada intervenção do professor no processo de construção do conhecimento.

Busca-se ainda, por meio de uma discussão entre o sociointeracionismo de Vygotsky, a valorização da expressividade do sujeito de Wallon, a interação homem-meio de Piaget e o ensino para a autonomia de Paulo Freire, reforçar uma discussão bastante difundida no meio educacional acerca da formação continuada do docente objetivando a melhora na qualidade do ensino e conseqüentemente a diminuição das dificuldades de aprendizagem dos alunos.

É notório, portanto, que o processo de ensino é complexo e para que o mesmo ocorra com eficácia exige-se do professor a adoção de metodologias e prática diversificadas capazes de promover a inclusão de todos os alunos e garantir assim a construção de uma aprendizagem significativa e eficaz.

2. DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Atualmente, tem se tornado cada vez mais contínua a discussão acerca das dificuldades de aprendizagem no âmbito escolar, porém tais discussões, em sua maioria, analisam apenas os aspectos relacionados à aprendizagem em detrimento do processo de ensino. Com isso, pontos importantíssimos como a carência no conhecimento prévio do aluno resultante da falta de estímulo e desigualdade cultural; relação professor e aluno e a



inadequação da metodologia de ensino decorrente da falta de uma formação sólida e contínua do professor são postas em segundo plano.

É importante salientar que não se pretende aqui, encontrar culpados para os problemas de aprendizagem enfrentados por muitas crianças em idade escolar, mas sim, indicar meios que contribuam para uma melhor atuação do professor em sala de aula e consequentemente na construção do conhecimento do aluno.

O ser humano está em constante desenvolvimento cognitivo é o que afirma Piaget (1999, p. 14) ao dizer que o “desenvolvimento mental é uma construção contínua, comparável à edificação de um grande prédio, à medida que se acrescenta algo, fica mais sólido”.

A construção do saber é gradual, ou seja, a estruturação dos esquemas mentais permite a adaptação ao mundo gerando assim a aprendizagem. Nesse sentido, quando existe alguma falha no processo de estruturação, a criança não desenvolve o conhecimento prévio sobre determinado assunto o qual servirá de alicerce para a aprendizagem de algo mais complexo e por isso, apresentará dificuldades para aprender.

Daí a importância da sensibilidade do professor, que precisa buscar no contado direto com o educando, compreender as suas limitações e potencialidades e assim, moldar a prática pedagógica a partir da realidade do aluno. Entende-se que essa não é uma tarefa fácil, pois exige dedicação e uma sólida e contínua formação teórica e prática.

A partir da adoção de uma postura investigativa, o docente terá condições de pensar no processo de ensino, entendendo que é necessário “refletir enquanto age, tomar decisões, mudar rapidamente o rumo de sua ação, interpretar as respostas que os alunos dão e autocorrigir-se” (WEISZ, 2011, p 18).

Também é importante frisar que o desenvolvimento maturacional da criança é algo que independe da escola, como explica Vygotsky (2010, p. 103) baseando-se na teoria de Piaget de que “o desenvolvimento do pensamento no estudante é independente daquele que a criança aprende realmente na escola”.

Dessa forma a aprendizagem depende do desenvolvimento construído pelo aluno antes de chegar à escola, o que Vygotsky chama de “desenvolvimento pré-escolar” em outras palavras, como já mencionado anteriormente, o aluno possui um conhecimento prévio daquilo que a ele se ensina.

É nesse momento que surgem as dificuldades de aprendizagem, uma vez que, alguns indivíduos, os menos favorecidos culturalmente, precisarão de mais estímulo e tempo



para se apropriar do conhecimento que se pretende construir e esse tempo muitas vezes é negado mediante o cumprimento de um programa educacional que teoricamente se diz inclusivo, mas que na prática é excludente.

Ratificando esse pensamento é possível afirmar que

Se o professor não sabe nada sobre o que o aluno pensa a respeito do conteúdo que quer que ele aprenda, o ensino que oferece não tem “com que dialogar”. Restará a ele atuar como numa brincadeira de cabra-cega, tateando e fazendo sua parte, na esperança de que o outro faça a dele: aprenda (WEISZ, 2011, P. 37).

É necessário que o docente, analise a facilidade ou dificuldade dos alunos para aprender o que está sendo ensinado, pois é preciso criar estratégias para trabalhar as potencialidades e limitações. Deve-se dedicar aos alunos com mais dificuldade, uma atenção especial no que diz respeito a orientações, ajudando-o a resolver determinados conflitos, partindo sempre da realidade do aluno e o mais importante, sendo empático, olhando a dificuldade com os olhos do aprendiz e não com os olhos de quem já domina o conhecimento.

Quando o professor ajuda o seu aluno a fazer algo que ele ainda não é capaz de realizar sozinho, a criança começa a desenvolver e organizar esquemas mentais que lhe dará condições de realizar a mesma tarefa sem ajuda. É o que defende Vygotsky com a teoria do desenvolvimento potencial.

Além do reforço dedicado a criança pelo professor, é imprescindível que se promova durante a aula a interação constante entre os alunos, tendo em vista que os mesmos aprendem em conjunto com seus pares.

Assim, momentos como leitura, reconto e reescrita de histórias, resolução de situações-problema, produção escrita, e atividades artísticas variadas, podem e devem ser feitas de forma coletiva o que garantirá além de um maior estímulo para aprender, a difusão do sentimento de cooperação entre os alunos, favorecendo, segundo Piaget, o desenvolvimento do sentido moral na criança.

3 MOTIVAÇÃO PARA APRENDER

Mas uma vez, é preciso chamar a atenção para a sensibilidade do professor a fim de escutar os anseios dos alunos e identificar o que pensam sobre o que está sendo ensinado, ou seja, suas reais necessidades de aprendizagem.

Para que se desenvolva a motivação da aprendizagem no aluno, faz-se necessário que o objeto de estudo se torne interessante por meio do processo de ensino. É preciso que a



criança seja conduzida a desenvolver hipóteses, estabelecendo relações entre o que ela já sabe e o que está sendo ensinado.

Cabe, portanto ao professor auxiliar o aparecimento de ideias nos educandos e assim, construir situações de aprendizagem permitindo o aparecimento de problemas sobre os quais seja preciso pensar. E essas situações precisam ser compreendidas com o que Weisz (2011, p. 37) chama de “um olhar mais aberto, menos marcado pelas concepções adultas e mais atento à lógica existente nas ideias das crianças”.

O processo de ensino para ser motivador, precisa partir sempre da problematização, ou seja, é preciso que a criança reflita, explore o que ela já sabe sobre o assunto e apresente suas opiniões que precisam ser acolhidas pelo docente e discutidas com a turma.

Agindo assim, o professor estará favorecendo o processo, explicado por Piaget, de assimilação, onde o indivíduo integra novos conhecimentos a estruturas já existentes em sua mente; acomodação, quando o conhecimento assimilado se modifica por meio da relação entre os conhecimentos prévios e as novas experiências adquiridas e por fim a equilíbrio que é o mecanismo regulador dos processos anteriores resultando na construção do conhecimento.

Nessa perspectiva, é importante que o professor na sua prática pedagógica, busque sempre conhecer o que as crianças já sabem e são capazes de produzir com esse conhecimento prévio. “O fato de acreditar que os alunos pensam, que são capazes, é fundamental para que eles progridam, pois nos leva a respeitá-los e apoiá-los” (WEISZ, 2011, p. 39).

Apoiando-se no pensamento de Vygotsky (2010), Weisz (2011) afirma que é preciso abrir as portas da escola para que os conhecimentos do “mundo externo”, aqueles que fazem parte do cotidiano sociocultural dos alunos e por isso, são ricos em significados para eles, adentrem o espaço escolar e sirvam como base para a construção de novos saberes.

Infelizmente, muitas escolas ainda não compreendem o processo de ensino e aprendizagem dessa maneira e por assim o ser, não motiva os seus alunos a contextualizar o conhecimento. Acaba-se ao invés disso, com a ideia de facilitar a aprendizagem, criando muros ao redor da escola, que impedem o diálogo com o mundo externo.

Por meio do exposto e necessário compreender que:

Cabe à escola garantir a aproximação máxima entre o uso social do conhecimento e a forma de tratá-lo didaticamente. Pois se o que se pretende é que os alunos estabeleçam relações entre o que aprendem e o que vivem, não se pode, com o intuito de facilitar a aprendizagem, introduzir



dificuldades. Nesse sentido, o papel da escola é criar pontes e não abismos (WEISZ, 2011, p.61).

Vê-se, portanto, que o aluno não chega vazio à escola, independente das dificuldades que possui muitas vezes ele dispõe de um vasto conhecimento sobre determinados assuntos que fazem parte da sua realidade de vida. É esse conhecimento que precisa ser enxergado e explorado pelo docente, a fim de tornar a proposta de ensino motivadora e potencializar a aprendizagem dos alunos.

4 APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E O SUCESSO ESCOLAR

Afirma-se aqui, baseando-se numa concepção inclusiva, que todos os indivíduos, independente das características que possuem, são capazes de aprender. No entanto, os caminhos que conduzem a construção do saber podem facilitar ou dificultar o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa e verdadeiramente eficaz.

A aprendizagem significativa é aquela cujo aluno é o sujeito ativo, o protagonista do seu processo de construção do saber, do seu desenvolvimento educacional. Mas para que isso se torne realidade é imprescindível que o ambiente escolar esteja preocupado em potencializar no aluno a disposição para aprender, pautando-se, nas experiências e conhecimentos que o mesmo já possui.

Buscando fundamentos para respaldar essa ideia de que o aluno constrói a aprendizagem pode-se usar a seguinte afirmação:

Essa construção, pelo aprendiz, não se dá por si mesma e no vazio, mas a partir de situações nas quais ele possa agir sobre o que é objeto de seu conhecimento, pensar sobre ele, recebendo ajuda, sendo desafiado a refletir, interagindo com outras pessoas (WEISZ, 2011, p. 61).

Essa proposição da autora é fortemente influenciada pelo pensamento construtivista de Piaget, que está relacionado com a teoria da aprendizagem significativa de Ausubel, esses estudiosos explicam que é preciso ligar o conhecimento escolar ao que o aluno já sabe, caso contrário, o conhecimento será armazenado isoladamente não exercendo importância na vida social do aluno.

Nessa perspectiva, vale apresentar aqui duas situações as quais exemplificam práticas pedagógicas que favorecem ou não o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa. A primeira situação é quando em uma dada sala de aula, os alunos ficam o tempo todo sentados ouvindo a explicação do professor ou tendo que repetir incansavelmente



até memorizar a escrita de algumas palavras ou termos. Essa proposta de ensino contradiz toda a literatura que fundamenta a metodologia didática das escolas na atualidade.

É completamente diferente quando na sala de aula os alunos interagem entre si e o professor atua como mediador do conhecimento. As atividades são motivadoras e partem da realidade de vida dos estudantes, o tempo todo eles são estimulados a pensar e agir para resolver situações elencadas pelo professor. Nesse exemplo, os alunos passam a ver a escola como uma extensão da sua vida social, sendo a mesma um lugar agradável e que suprirá muitas vezes lacunas afetivas e emocionais nos alunos.

Analisando as situações acima, nota-se que, a preocupação do professor em estar constantemente reavaliando a sua ação pedagógica é de extrema importância e necessidade, tendo em vista as rápidas transformações sociais que dotam os alunos com informações e conhecimentos variados, implicando assim em novas exigências educacionais e conseqüentemente, diferentes metodologias de ensino.

A construção da aprendizagem significativa é pressuposto para o sucesso escolar do estudante, e como já foi dito, tal aprendizagem é consequência da valorização do que o aluno já sabe e do protagonismo que o mesmo assume na resolução de problemas com intenções pedagógicas. Além disso, é necessário que o mesmo possa ter segurança para expressar seus sentimentos, dúvidas e saberes sobre o objeto de estudo.

O aluno precisa enxergar o professor como um sujeito sensível e digno de confiança, assim a afetividade será afluída por meio de uma “prática que atenda as necessidades do estudante no âmbito, afetivo, cognitivo e motor e que promova o seu desenvolvimento em todos esses níveis”. (GALVÃO, 1995, p. 97).

Nota-se, em todas as abordagens feitas aqui, que recai sobre o professor a responsabilidade maior pelo sucesso ou não do estudante. No entanto, essa visão não é compartilhada com muitos docentes que atribuem a responsabilidade pelo fracasso escolar ao aluno, não parando assim para refletir sobre sua prática em sala de aula como profissional qualificado. Esse pensamento é exposto por Elisângela Fernandes na Revista Nova Escola, em dezembro de 2011.

Há quem credite o fracasso escolar apenas à falta de disposição do aluno em aprender, esquecendo que o professor é o profissional qualificado para criar os momentos com potencial de possibilitar a construção do conhecimento. O fracasso escolar tem causas variadas, por essa razão o contexto deve também ser considerado (FERNANDES, 2011).

Entende-se dessa forma, que a aprendizagem significativa é consequência de um processo de ensino que valoriza o estudante em sua plenitude e oferece as condições básicas



para que o mesmo se desenvolva agindo e refletindo sobre as situações vivenciadas dentro e fora da escola. Para que isso seja possível, exige-se que o professor esteja em formação contínua para que tenha subsídios e possa atuar sobre as dificuldades de aprendizagem e fazer das mesmas, uma ponte para o sucesso escolar do seu aluno.

5 O IMPACTO DA FORMAÇÃO CONTINUADA NO PROCESSO DE ENSINO

O professor é o profissional qualificado, responsável pelo processo de ensino que objetiva proporcionar aos alunos a construção da aprendizagem. Tendo ciência de que essa não é uma tarefa fácil, ao contrário, é muito complexa, exige-se do professor a adoção de uma postura de pesquisador e eterno aprendiz.

Numa sala de aula, seja qual for a escola, mas em sua maioria, as escolas públicas, existem alunos com os mais variados níveis de aprendizagem, é a chamada heterogeneidade. Nesse contexto, independente das situações pedagógicas propostas e desenvolvidas pelos professores, existirão sempre aqueles alunos que rapidamente assimilam o conhecimento e outros serão mais lentos.

Isso acontece, devido à estimulação recebida pelo indivíduo em momentos anteriores, ou seja, o conhecimento prévio que o aluno possui que como já mencionado, é pressuposto para o desenvolvimento de novos conhecimentos cognitivos.

Nesse sentido, tal pensamento ilustra perfeitamente o exposto.

A escola que propomos e buscamos é uma escola aberta à diversidade — a diversidade cultural, social e também individual. Considera-se que as formas de aprender diferem, que os tempos de aprendizagem também, e que não tem sentido sonhar com todos os alunos caminhando igualmente em seu processo de construção de conhecimento. A igualdade que se defende não se refere ao processo de aprendizagem, mas às condições oferecidas para favorecer a aprendizagem, pois o processo é sempre singular, inevitavelmente. (WEISZ, 2011, P. 87).

Partindo desse pressuposto, entende-se que a responsabilidade maior pela aprendizagem é do profissional de ensino. Sendo assim, diante das dificuldades de aprendizagem surgidas no percurso do estudante, o professor precisa estar atento para intervir no momento certo, propondo atividades devidamente planejadas, a fim de suprir as necessidades do aluno.

Baseando-se no pensamento de WEISZ (2011) pode-se afirmar que o planejamento sistemático, que envolva todos os profissionais responsáveis pela aprendizagem



do aluno é de vital importância, uma vez que o mesmo traz como proposta um momento de formação continuada, pois favorece a troca de experiência e diminui a ansiedade dos professores e por meio das discussões todos acabam se envolvendo no enfrentamento dos problemas surgidos na escola.

Além desses momentos coletivos, é necessário que o docente dedique um pouco do seu tempo ao estudo individualizado, buscando por meio da literatura, instrumentos que possam subsidiar as intervenções que o mesmo precisa fazer durante as aulas, objetivando a construção de uma aprendizagem eficaz, independente do tempo percorrido e dos procedimentos adotados.

Uma escola que se preocupa com a inclusão social, precisa propiciar aos docentes esses momentos de reflexão, seja de forma coletiva ou individualizada e ainda, desenvolver estratégias para que o aprendizado do professor, construído através da formação continuada, possa impactar diretamente no trabalho desenvolvido em sala de aula e conseqüentemente na escola de modo geral.

É preciso que o aluno se sinta acolhido e tenha a convicção de que não só o professor, mas toda a escola se preocupa com a sua aprendizagem e, por conseguinte com o seu sucesso acadêmico.

A escola precisa conceber também diferentes maneiras de avaliar a aprendizagem do estudante para que não cometa o erro de frustrar o esforço que o mesmo dedicou a construção da aprendizagem durante o processo de ensino, limitando a avaliação a um único momento.

Avaliar requer do professor, sensibilidade e um olhar atento e constante frente às expressões do aluno durante o processo de ensino. Dessa maneira, também se exige que tal profissional esteja em contínua capacitação para que possa compreender de onde o aluno partiu, ou seja, qual era a base que possuía e onde ele foi capaz de chegar. Mais uma vez, é preciso entender que a sala de aula é um espaço que concentra grande diversidade e por isso, a aprendizagem dos alunos estará sempre em níveis diferentes. Além do mais, assim como inúmeros fatores interferem na construção da aprendizagem “não se pode avaliar apenas os conteúdos das áreas de conhecimento na hora de decidir a vida escolar de um aluno” (WEISZ, 2011, p. 89).

Evidencia-se mais uma vez, que a função do professor é muito complexa. Ele não pode ser visto como um profissional que apenas transmite o saber ao aluno, essa concepção está defasada. O professor é aquele que vai, como afirma (WEISZ, 2011, p. 97) “criar ou



adaptar boas situações de aprendizagem, adequadas a seus alunos reais cujos percursos de aprendizagem ele precisa saber reconhecer”.

Esse pensamento também é compartilhado por Paulo Freire, importante educador brasileiro, quando o mesmo explica que:

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento (FREIRE, 1996, p. 21).

Mas, para que o professor se aproprie desse pensamento e o sistematize na sua prática de sala de aula é necessário antes de qualquer coisa, que ele tenha acesso a uma formação continuada que lhe garanta a instrumentalização do saber fazer pedagógico, pois como foi dito aqui anteriormente, a aprendizagem acontece de forma significativa através da prática e não da simples observação.

Entende-se, portanto, que o professor precisa ser levado a conhecer a teoria e a prática de forma simultânea, dessa maneira, assim como se propõe ao aluno, o professor poderá se expressar e construir o conhecimento como protagonista e não apenas expectador do processo de formação.

No entanto, apesar dessa proposta e investimento na formação continuada do professor, os efeitos ainda são mínimos uma vez que, é preciso que esses profissionais modifiquem primeiro suas concepções pedagógicas, caso contrário, mesmo participando de momentos de formação, na prática continuará apenas transmitindo o conteúdo, sem refletir, e assim, continuará responsabilizando o aluno, a família, ou o sistema pelo fracasso escolar decorrente das lacunas na aprendizagem dos educandos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os fatores que influenciam o aparecimento das dificuldades de aprendizagem no contexto escolar precisam ser amplamente analisados e discutidos, em decorrência do elevado número de crianças que por não atingirem as expectativas do professor em sala de aula, acabam não obtendo o sucesso escolar.

Nessa perspectiva, o presente artigo buscou colocar em discussão as dificuldades de aprendizagem numa ótica que não considera a existência da mesma na escola



responsabilidade do aluno e sim de inúmeros fatores externos ao educando, sendo o principal deles a metodologia de ensino desenvolvida em sala de aula pelo professor.

Cabe ao professor, por ser o profissional com qualificação para o ensino, motivar o seu aluno a aprender. Para isso é necessário antes de tudo, conhecer a realidade de vida do aprendiz e o conhecimento prévio que o mesmo possuiu buscando desenvolver estratégias pedagógicas condizentes com as reais necessidades do aluno.

Dessa maneira, o educando aguçar o desejo de aprender, pois percebendo que o professor valoriza o que ele já sabe, passará a ter confiança e atuar ativamente na construção da sua aprendizagem e o conhecimento construído nessas circunstâncias terá grande relevância para o estudante, uma vez que, foi edificado através da prática e reflexão.

Ficou evidente também, diante da análise bibliográfica, que por ser um espaço aberto à diversidade, a escola concentra em si indivíduos de diferentes contextos sociais. Em decorrência disso, os alunos possuem saberes distintos e por essa razão, a aprendizagem acontece em ritmos diferentes, pois algumas crianças precisarão de mais estímulos que outras. Essa variação cognitiva, porém, não deve ser compreendida pelo docente como dificuldade de aprendizagem, ao contrário, deve-se fazer dessa diversidade uma mola propulsora para a potencialização das múltiplas inteligências apresentadas pelos alunos.

Com isso, o docente estará trabalhando a heterogeneidade da turma, fazendo com que a mesma sirva de incentivo para a construção de uma aprendizagem significativa e eficaz visto que, é através da interação entre seus pares e mediação do professor que o aluno desenvolve-se cognitivamente e assim obtém o tão cobrado sucesso escolar.

No entanto, essa realidade só será alcançada com uma mudança na concepção de ensino dos professores. Isso garantirá aos mesmos, condições para ressignificar sua prática docente, passando a entender que o ensino precisa dialogar com a aprendizagem e que ambos dependem intrinsecamente um do outro para que aconteçam de fato.

Cabe, portanto ao professor, estar em constante formação, analisar com empatia a realidade de cada aluno, realizar a troca incessante de informações e experiências entre seus pares. Com essa atitude, a escola vivenciará de fato o processo de inclusão, de modo que todos tenham condições de assumir a corresponsabilidade pela efetivação da plena aprendizagem, sendo a mesma, peça fundamental na construção de uma sociedade justa e igualitária.



REFERÊNCIAS

FERNANDES, Elisângela. **David Ausubel e a aprendizagem significativa**. Revista Nova Escola. Dezembro de 2011. Disponível em: <<http://novaescola.org.br/conteudo/262/david-ausubel-e-a-aprendizagem-significativa>>. Acesso em: 13 set. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Izabel. Henri Wallon: **Educação: entre o indivíduo e a sociedade**. In: _____. Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

PIAGET, Jean. Desenvolvimento mental da criança. In: _____. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

VIGOTSKII, Lev Semenovich. Aprendizagem e Desenvolvimento Intelectual na Idade Escolar. In: _____. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: ícone, 2010. Cap. 6, p. 103-117.

WEISZ, Telma. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. 1. Ed. São Paulo: Ática, 2011.